



VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA ESCOLA: DISCURSOS E SILÊNCIOS SOBRE A DIVERSIDADE SEXUAL

Professora Dra. Isabela Candeloro Campoi (Orientadora), Marcos da Cruz Alves Siqueira (Mestrando em Ensino – UNESPAR – Campus Paranavaí), e-mail: marcosdacruzalves@hotmail.com

Universidade Estadual do Paraná – Campus Paranavaí/PR

Introdução:

O corpo carrega em si um dispositivo histórico e que ao ser analisado criticamente, entendemos a construção social de uma sociedade e suas formas de organização, política, cultural e econômica.

O controle deste objeto “corpo” passa a ser discutido em várias esferas, na saúde, com uma preocupação com doenças, higiene, na economia, com o controle da natalidade de um país e também o estímulo à natalidade para que o país possa produzir mão de obra. Criamos através do corpo, símbolos que vão, ao longo da história estabelecendo representações sociais, de gênero e raça. (LOURO, 2012)

A sociedade em sua transformação passa a utilizar as instituições de ensino e o discurso para manter o controle sobre o sexo, gerando uma relação de poder. Podemos constatar segundo Michel Foucault, em seu livro “A Vontade de Saber” (1988) presente na coleção “A História da Sexualidade”, que o mesmo discurso que é proveniente de uma repreensão gera alguns silêncios em torno da temática sexual,

as crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não tem sexo: boa razão para interditá-lo, razão para proibi-las de falarem dele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos



onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado (FOUCAULT, 1988, p. 10).

A busca deste controle do corpo e até mesmo do pensar sobre o ato, dentro das instituições escolares está cada vez mais presente. Observamos através dos uniformes, a divisão de banheiros, filas etc., vão construindo socialmente toda uma divisão social de gênero e classe. Foucault (2000) em seu livro “Vigiar e Punir” cria uma reflexão sobre a disciplina em nossa sociedade, a qual tem o corpo como ponto de partida. Neste estudo o autor coloca o corpo como forma política que vai sendo normatizado em nossa sociedade através de métodos punitivos: tortura, discurso e consciência. Sendo assim, a nossa sociedade vai criando estas cartografias punitivas, estabelecendo divisão sexual e classes nas escolas. Assim, a história da sexualidade, para Foucault (1988), é construída através do discurso e a forma sexual dos indivíduos se comportarem, disciplinando corpos e conduzindo toda uma sociedade. Essas preocupações com o corpo podem ser observadas, no ocidente, no período Vitoriano (século XIX) em que a preocupação passa a ser de responsabilidade do Estado.

O período vitoriano é um período crucial para se compreender esse processo em toda sua complexidade. Tradicionalmente, os historiadores e historiadoras têm se concentrado no caráter repressivo da época e, sob muitos aspectos, isso se constitui numa descrição acurada. Havia, de fato, uma grande dose de hipocrisia moral, já que os indivíduos (especialmente homens) e a sociedade aparentavam respeitabilidade, mas faziam algo bem diverso. A sexualidade das mulheres era severamente regulada para assegurar a “pureza”, mas, ao mesmo tempo, a prostituição era abundante. As doenças venéreas representavam uma grande ameaça à saúde, mas era enfrentada através de tentativas de controlar e regular a sexualidade feminina ao invés da masculina. Na metade do século XIX, estimuladas pela expansão de epidemias tais como a cólera e o tifo em cidades super povoadas, as tentativas de reformar a sociedade se concentraram em questões de saúde e moralidade pessoal. De 1860 até 1890, a prostituição, as doenças venéreas, a imoralidade pública e os vícios privados estavam no centro dos debates: muitas pessoas viam na decadência moral um símbolo da decadência social (WEEKS, 2000, p.38).



Neste período, a decadência moral era símbolo de decadência social: os corpos normatizados dentro das regras estabelecidas nos discursos. Seria uma questão de segurança para o Estado, ou seja, disciplinando corpos e conduzindo a moral, esses corpos eram protegidos de doenças, de perversões sexuais ou até mesmo de desvio sexual, como eram enquadrados os/as homossexuais na época. Assim, estabeleceram-se modelos de conduta e comportamento que deveriam ser seguidos socialmente e através das instituições educacionais, vão se aplicando as regras de convivência entre os gêneros.

Até o século XIX se uma menina ou menino perguntasse à mãe sobre sexo, imediatamente esta, considerada como responsável pela educação dos/as filhos/as, levaria a uma instituição médica para falar com um responsável pelo caso. O assunto sobre sexo numa família nuclear composta de pai, mãe e filhos/as, não era assunto a ser discutido, então, essas incógnitas logo eram silenciadas, não havendo no momento da dúvida, informações que pudessem esclarecer e gerar o entendimento.

Como herdeira desse pudor típico da era vitoriana e que pautou o mundo ocidental como um todo, a sociedade brasileira, atualmente, vem se transformando. No decorrer do século XX movimentos das mais diversas ordens colocaram em pauta questões ligadas aos direitos das mulheres e dos homossexuais, em que muitas regras foram rompidas. As mulheres conquistaram juridicamente direitos inconcebíveis no século XIX, tais como o direito à participação eleitoral, ao divórcio, ao acesso ao mercado de trabalho. No que diz respeito aos homossexuais, destacam-se a recente conquista do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo e a possibilidade de adoção. No entanto, persistem assuntos tabus, como questões ligadas ao aborto, proibido e criminalizado no Brasil, mas realizado indiscriminadamente.

Tais temas estão inseridos implícita ou explicitamente no nosso cotidiano e as mudanças, numa via de mão dupla, trouxeram a visibilidade de novas identidades sexuais, antes desconhecidas e subjugadas pela hegemonia



do discurso da heteronormatividade, que silenciava a homossexualidade, por exemplo. Assim, a temática da diversidade sexual aparece também no âmbito escolar.

Com os corpos se modificando, novas identidades sexuais começam a surgir dentro de um performativo social e dinamizado em diversos espaços públicos, entre eles a escola. Além do performativo social em que os indivíduos desenvolvem a construção social do masculino e do feminino, começam a surgir diferentes identidades de gêneros: cross-dressing, lésbica, pansexual, bissexual, drag queens, drag kings, travesti, entre outros performativos, que vão compondo a sociedade brasileira.

Comparando os contextos históricos e suas transformações, percebemos que entre a população jovem, o contato com o sexo e estes performativos está cada vez mais prematuro: seja através da relação sexual, ou da maternidade precoce (GALLO, 2007).

Destacamos que, nitidamente, alguns silêncios que estavam presentes nos discursos escolares começam a aparecer de forma gradativa e estão deixando profissionais da educação sem um direcionamento. Estes silêncios ecoam e as cartografias impostas na educação já não estão servindo de guia para os/as professores/as, de uma forma nítida pais/mães e alunos/as tentam entender tardiamente a sexualidade que de certa forma com estes silêncios, ganhando formas em nossa sociedade, percebemos que o discurso e as cartografias impostas têm que ser repensadas.

Esses discursos e silêncios que ocorreram, em casa, na família e nas instituições escolares não podem ser ignorados. Essas transformações que vão penetrando nos relacionamentos e relações sociais entre classes precisam ser dialogadas de uma forma ampla e os discursos sexuais tendem a ser



desconstruídos. Torna-se necessário entender as mudanças recentes, conforme sugere Louro (2007, p.7), já que:

(...) as profundas transformações que, nas últimas décadas, vêm afetando múltiplas dimensões da vida de mulheres e de homens e alterando concepções, as práticas e as identidades sexuais teriam de ser levadas em consideração. Jovens ocidentais de grandes cidades do final do século XX terão, sem dúvida, outras respostas (seguramente, outras perguntas) se comparados com a jovem que eu fui e com jovens de outras épocas, outras regiões.

Objetivo:

Proporcionar uma reflexão sobre os discursos ligados à sexualidade no Ocidente a partir do século XIX, a diversidade sexual e sua visibilidade na sociedade brasileira atual e as implicações no espaço escolar.

Materiais e Métodos:

Através de uma breve discussão sobre a sexualidade na História valendo-se das principais referências bibliográficas sobre o tema, essa comunicação apresenta parte de uma pesquisa maior. Assim, a revisão bibliográfica ilustrou o quanto é necessária a discussão da temática da diversidade sexual nas escolas.

Considerações Finais:

Por esses motivos precisamos analisar a realidade de violência nas escolas criticamente e entender qual o discurso que foi posto em determinadas épocas e quais atos foram silenciados. Temos que pensar essas construções partindo do discurso e conceito que foi criado sobre a identidade do sujeito e como ela está sendo pensada e sistematizada em nossa sociedade. Entendendo alguns pontos podemos avançar na busca de uma educação que possa garantir direitos igualitários, respeitando as particularidades dos/as alunos e alunas.

Referências:



GALLO, *Sílvio*. *Educação menor: produção de heterotopias no espaço escolar*. In: RIBEIRO, *Paula Regina Costa*, SILVA, *Méri Rosane Santos da*, GOELLNER, *Silvana Vilodre*. **Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente**. Rio Grande: Ed. Da FURG, 2007, p. 93-102.

FOUCAULT, *Michel*. **Vigiar e punir**. 21 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000 (ed. or.: 1975).

_____. **A história da sexualidade, 1: A vontade de saber**. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988 (ed. or.: 1976).

LINS, *Daniel*. *Alegria: Ética e Estética dos Afetos*. In: RIBEIRO, *Paula Regina Costa*, SILVA, *Méri Rosane Santos da*, GOELLNER, *Silvana Vilodre*. **Corpo, gênero e sexualidade: composições e desafios para a formação docente**. Rio Grande: Ed. Da FURG, 2007, p. 70-79.

LOURO, *Guacira Lopes*, **Gênero sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 14 ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2012.

WEEKS, *Jeffrey*. **O Corpo e a Sexualidade**. In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade / Guacira Lopes Louro (organizadora) Tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 35-79.